

P-264

A IMPORTÂNCIA DOS ECTOPARASITAS DO CÃO PARA O CONTROLE DA LEISHMANIOSE VISCERAL AMERICANA

Sherlock, Italo; Dias-Lima, Artur; LAPEN – CPqGM – FIOCRUZ. 40295-001, Salvador, Bahia, Brasil. sherlock@cpqgm.fiocruz.br

Introdução: O controle da leishmaniose visceral americana (LVA) tem se constituído num problema de difícil solução devido a ausência de maiores conhecimentos sobre os fatores que interagem na transmissão da doença. A *Lutzomyia longipalpis* é considerada a sua principal vetora. Alguns trabalhos tem mostrado a ausência desse flebótomo em áreas endêmicas onde grassa a leishmaniose canina. Tal fato nos chamou a atenção para possível papel dos ectoparasitas do cão como possíveis vetores da LVA que realizariam a transmissão habitual da doença. Em 1964, pela primeira vez no continente Americano realizamos alguns experimentos para esclarecimento do fato. **Objetivos:** Esclarecer a importância dos ectoparasitas do cão na transmissão natural da LVA. **Material e Métodos:** Foi realizada uma vasta revisão bibliográfica e estudos de laboratório, no LAPEN – CPqGM – Fiocruz, sobre o *Rhipicephalus sanguineus* e *Ctenocephalides sp.*, objetivando investigar o papel desses artrópodes, na transmissão natural da LVA. **Resultados:** Algumas observações que realizamos mostraram que promastigotas, provavelmente de *Leishmania chagasi*, estavam presentes no tubo digestivo do *R. sanguineus* retirados de cães intensamente parasitados pela leishmaníase. Posteriormente, foi verificado que existia uma estreita similaridade entre as espécies de carrapatos e pulgas que infestavam cães domésticos e raposas. Exemplos de pulgas *C. canis*, *C. felis* e *Pulex irritans* retiradas de raposas não infectadas, foram examinados, porém todos estavam negativos. **Conclusão:** Recentes comprovações feitas por alguns autores sobre esse assunto sugerem a importância prática para o controle da LVA canina, e conhecimento da história natural da doença, modificando o conceito de que apenas a *L. longipalpis* é considerada a única vetora e alvo das medidas profiláticas. Possivelmente, as coleiras impregnadas com inseticidas, podem ser de grande valia para o controle da doença.